

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E LETRAS**

MARIA EDUARDA ANDRADE GRUNVALD

***PESSOAS NORMAIS: UMA ANÁLISE DA GERAÇÃO
MILLENNIAL NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA***

**TAUBATÉ – SP
2021
MARIA EDUARDA ANDRADE GRUNVALD**

***PESSOAS NORMAIS: UMA ANÁLISE DA GERAÇÃO
MILLENNIAL NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA***

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté, como parte dos requisitos para obtenção da licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Me. Luzimar Goulart Gouvêa

**TAUBATÉ – SP
2021**

Autorizo a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

GRUNVALD, Maria Eduarda Andrade. *Pessoas Normais: uma análise da geração millennial na Literatura Contemporânea*. Monografia apresentada ao Departamento

de Ciências Sociais e Letras, Universidade de Taubaté, para obtenção do título de licenciatura em Letras. Área de concentração: literatura inglesa.

APROVADA EM 15/12/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Luzimar Goulart Gouvêa (orientador)

Prof. Ma. Thais Travassos

Prof. Ma. Maria Elisa Brito Pereira Pinheiro

A todos aqueles que, no auge dos vinte e poucos anos, seguem em busca de um norte. Ou um sul, não sei bem ao certo. Mas seguem.

AGRADECIMENTOS

Obrigada: Gabriela Nerozi, Giovanna Ganassali, Leonardo Carlini, Josué Costa, Maria Cristina Mendes, Maria Eduarda Marcellino e Maria Gabriela Alves. Sem vocês, eu não teria passado do primeiro semestre do curso de Letras. Mas eu passei, passamos. Agradeço por cada dia em que chegávamos cedo no departamento para estudar juntos, e por cada aula em que olhávamos um para o outro e pensávamos “quem vai sair da sala primeiro para os outros irem atrás?”. Viver a faculdade com vocês foi um prazer e um privilégio enorme, obrigada por terem feito de mim uma pessoa melhor.

Agradeço também à UNITAU, pois sem ela eu não teria conhecido pessoas que foram determinantes na minha formação: meus professores. Agradeço a cada um dos professores que me deram aula ao longo dos seis semestres do curso de Letras, sem dúvidas eu tive os melhores ao meu lado. Deixo aqui um agradecimento especial a três deles: Luzimar, Adriana e Thais. Vocês fizeram mais por mim do que podem imaginar, serei eternamente grata por cada palavra de incentivo e gesto de afeto.

Por fim, agradeço aos meus pais, Katia e Francisco, por tudo. Eles são os meus maiores incentivadores e as pessoas a quem eu mais amo no mundo. Obrigada por investirem em mim, espero ser motivo de orgulho para vocês.

**“you taught me a secret language i can’t speak with anyone else
and you know damn well
for you i would ruin myself
a million little times”
illicit affairs – Taylor Swift**

RESUMO

O tema da presente monografia é uma análise da geração *millennial* na literatura contemporânea a partir da obra *Pessoas Normais*, de Sally Rooney. Tomaremos como objeto de estudo a geração *millennial* e o romance *Pessoas Normais*. Como pergunta de pesquisa, temos: como se manifestam as principais características da geração *millennial* no romance? Os objetivos desta pesquisa são: 1) apresentar as principais características da geração *millennial*; 2) relacionar tais características com os eventos do romance *Pessoas Normais*; 3) discutir as personagens (*millennials*) Connell e Marianne. Tal pesquisa tem por justificativa salientar a relevância da compreensão acerca desta geração e evidenciar Sally Rooney como um dos principais nomes da literatura contemporânea e uma das pioneiras na representatividade da própria geração. A metodologia a ser empregada será a da pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. A fundamentação teórica se ancora em autores, como André Verzani, Carolina Lisboa, Dorothee Burke e Stella Butter. Como resultados, temos que Sally Rooney é uma autora que reflete seu tempo, assim como percebemos que os protagonistas do romance são jovens *millennials* que anseiam um lugar no mundo.

Palavras-chave: Geração *Millennial*. *Pessoas Normais*. Sally Rooney. Literatura. Connell. Marianne

ABSTRACT

The theme of this monograph is an analysis of the *millennial* generation in contemporary literature based on the novel *Normal People*, by Sally Rooney. We will take as an object of study the *millennial* generation and the novel *Normal People*. As a research question, we have: how are the main characteristics of the *millennial* generation manifested in the novel? The goals of this research are: 1) to present the main characteristics of the millennial generation; 2) relate such characteristics with the events of the novel *Normal People*; 3) discuss the (*millennial*) characters Connell and Marianne. Such research is justified by highlighting the relevance of understanding this generation and highlighting Sally Rooney as one of the first names in contemporary literature and one of the first authors that represents her own generation in her literature. The methodology to be used will be the bibliographical research of a qualitative nature. The theoretical foundation is based on authors, such as André Verzani, Carolina Lisboa, Dorothee Burke and Stella Butter. As a result, we understand that Sally Rooney is an author that reflects her own time, and we understand that the main characters of the novel are *millennials* that search for their place in the world.

Keywords: *Millennial Generation. Normal People. Sally Rooney. Literature. Connell. Marianne.*

SUMÁRIO

1. A geração *millennial*
2. O romance
 - 2.1 Consciência de classe
 - 2.2 Subversão de papéis sociais
 - 2.3 A (in)existência de um lar
3. As personagens
 - 3.1 *Love language ≠ language*
 - 3.1.1 O sexo como linguagem universal
 - 3.1.2 O amor como linguagem (quase) incomunicável
 - 3.2 Connell Waldron
 - 3.2.1 Três meses depois (março de 2014)
 - 3.3 Marianne Sheridan
 - 3.3.1 Cinco meses depois (dezembro de 2013)
4. Considerações finais
5. Referências

INTRODUÇÃO

O tema da presente monografia é uma análise da geração *millennial* na literatura contemporânea a partir da obra *Pessoas Normais*, de Sally Rooney. Tomaremos como objeto de estudo a geração *millennial* e o referido romance.

Como pergunta de pesquisa, temos: como se manifestam as principais características da geração *millennial* no romance?

Os objetivos desta pesquisa são: 1) apresentar as principais características da geração *millennial*; 2) relacionar tais características com os eventos do romance *Pessoas Normais*; 3) discutir as personagens (*millennials*) Connell e Marianne.

Tal pesquisa tem por justificativa salientar a relevância da compreensão acerca desta geração e evidenciar Sally Rooney como um dos principais nomes da literatura contemporânea e uma das pioneiras na representatividade da própria geração, já que se trata de uma autora nascida em 1991 e que publicou seu primeiro livro em 2017, apenas quatro anos atrás.

A metodologia a ser empregada será a da pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo.

A fundamentação teórica se ancora em autores, como André Verzani, Carolina Lisboa, Dorothee Burke e Stella Butter.

No primeiro capítulo, intitulado “A geração *millennial*”, faremos uma apresentação das principais características observadas nessa geração que ainda está se descobrindo e se reinventando.

No segundo capítulo, intitulado “O romance”, estabeleceremos uma relação entre as características apontadas no primeiro capítulo e os eventos do romance. Na subparte 2.1, “Consciência de Classe”, evidenciaremos a diferença entre os protagonistas do romance, Connell e Marianne, de acordo com suas classes sociais e a própria consciência a que classe pertencem. Já na subparte 2.2, intitulada “Subversão de papéis sociais”, discutiremos o movimento do papel social de cada protagonista na transição do Ensino

Médio para a Faculdade. Em 2.3, “A (in)existência de um lar”, comentaremos sobre a dificuldade de Connell e Marianne em encontrar um lar, assim como evidenciaremos o fato de que “lar” não é necessariamente um espaço físico.

No terceiro capítulo, intitulado “As personagens”, apresentaremos com mais profundidade as protagonistas do romance, Connell Waldron (3.2) e Marianne Sheridan (3.3). Em cada subdivisão das subpartes citadas (3.2.1 e 3.3.1), comentaremos um episódio determinante para a compreensão plena da personalidade dos dois. Em 3.1, a primeira subparte do capítulo, intitulada “*Love language ≠ language*”, abordaremos os problemas de comunicação entre os protagonistas; subdividida, no tópico 3.1.1, “Sexo como linguagem universal”, apontaremos como o sexo se mostra fundamental e essencial na relação dos protagonistas. No tópico 3.1.2, “O amor como linguagem (quase) incomunicável”, discutiremos o quão árduo é para Connell e Marianne expressar, com palavras, os sentimentos que sentem um pelo outro.

No quarto capítulo, desenharemos as considerações finais da monografia.

No quinto capítulo, traremos as referências que ajudaram a desenvolver o trabalho.

1. A GERAÇÃO *MILLENNIAL*

Toda e qualquer geração pode ser entendida como uma forma de categorização; é evidente que uma geração não pode ser categorizada como uma unidade, já que é composta por indivíduos que têm suas particularidades (sejam elas causadas pelo meio social em que vivem ou por vivências). Entretanto, é possível, sim, identificar similaridades e, assim, permitir um agrupamento baseado nas características compartilhadas. O conceito de geração ainda implica numa abnegação das características específicas e particulares de cada indivíduo em prol de uma união que sirva para categorizar um grupo de pessoas, excluindo, assim, momentaneamente, tais características.

A geração *millennial* (também conhecida como geração Y) é aquela composta por indivíduos nascidos entre os anos de 1980 e 2000; esse nome foi escolhido por Howe & Strauss para batizar os nascidos nos vinte últimos anos do último século (XX). O fim do século XX e o início do século XXI é marcado pelo uso da tecnologia digital, portanto os nascidos nesse período são nomeados, ainda, nativos digitais (*Digital Natives*), pois já nasceram embebidos do contexto tecnológico, que fez com que eles tenham desenvolvido uma espécie de procedimento-padrão de como pensar e raciocinar, que lhes conferiu novas habilidades cognitivas. Porém, Marc Prensky aponta que os nativos digitais têm como defasagem a capacidade de reflexão e de produção de generalizações elaboradas a partir de experiências, o que limita a construção de um pensamento concreto acerca de determinados assuntos.

Essa geração, ainda, é um objeto de estudo relativamente novo no ramo da psicologia (e, mais ainda, no ramo da literatura), fazendo com que pesquisadores encarem algumas dificuldades quanto ao embasamento teórico específico sobre esse grupo de pessoas. Isso se dá, é claro, pelo fato dos *millennials* ainda estarem se desenvolvendo socialmente, porém a enorme quantidade de publicações não científicas sobre o assunto revela a relevância deste. Os psicólogos André Verzoni e Carolina Lisboa, no texto “Formas de subjetivação contemporâneas e as especificidades da geração y”, destacam:

Devido à escassez de estudos empíricos sobre características e formas de subjetivação da Geração Y, a grande quantidade de referências não científicas como livros, revistas, blogs, jornais e sites podem oferecer importantes contribuições teóricas e práticas aos pesquisadores. Além disso, o grande volume destes materiais demonstra a relevância social de se estudar esta geração – ainda que muitas vezes apresentem mitos, distorções e estereótipos. Apesar de não contemplarem o rigor científico que seria desejável, estas publicações são capazes de, pelo menos, orientar a exploração do universo psíquico destes sujeitos (MYERS; SADAGHIANI, 2010).”

A geração *millennial*, para além da característica marcante acerca do contexto digital em que nasceu e é formada, também demonstra uma enorme consideração pelos pais, que ocupam um papel de destaque em suas vidas. Seja essa relação saudável ou não, ela molda comportamentos e decisões do jovem *millennial*, que vão atrás de aconselhamento e orientações (mesmo que solicitados de maneira implícita) até quando já adquiriram certa independência. Além disso, são pessoas que dão muito valor ao *status* representados por nomes e marcas, sejam elas quais forem: entretenimento, empresas, universidades ou produtos.

Segundo Aslop (2008), ainda, “[...] os jovens da Geração Y teriam sobre si a grande responsabilidade de corresponder às expectativas que lhes foram endereçadas (pelos pais), devendo, para tanto, apresentar uma elevada performance e desempenho nas atividades que se propõem a realizar”. Essa pressão por parte dos pais (que é, também, social) acaba por colocar o jovem num lugar de insegurança e insuficiência, uma vez que, na maioria dos casos, é impossível suprir as expectativas de terceiros quando se trata de conduzir a própria vida.

O senso comum costuma conferir ao jovem *millennial* um caráter extremamente individualista, entretanto esse é negado e soa como ofensivo para esse indivíduo. A individualidade, tão controversa para a geração, acaba sendo um empecilho que sabota a mente do *millennial* quando se fala de “lugar no mundo”.

Uma reportagem escrita por Joel Stein e publicada em 2013 na revista estadunidense *Time* descreve os *millennials* como jovens narcisistas, superficiais, autocentrados, preguiçosos e exageradamente confiantes em suas habilidades. Sejam

essas características qualidades ou defeitos, é fato que representam uma geração inteira de jovens que é responsável por relevantes transformações na sociedade contemporânea; por serem alvo de estigmas e estereótipos, é interessante estudar cientificamente os membros da geração Y, uma vez que isso pode esclarecer subjetividades destes. Mesmo que em cada parte do globo a geração carregue diferentes características (por conta de contextos étnicos, culturais e sociais), o efeito da globalização e da imersão completa em tecnologias (a qual possibilita um fluxo enorme e acessível de informações) permite que haja uma certa homogeneidade entre os *millennials*, sobretudo quando essa geração é comparada com as antecessoras.

Por conta dessa constante harmonia com o ambiente virtual, os indivíduos da geração Y estão constantemente preocupados com o fluxo de mensagens em redes sociais, o que causa uma necessidade de atualização e acompanhamento delas a todo momento. Esse fato gera um efeito contrário na vida real dos *millennials*: eles perdem a capacidade de interagir socialmente no mundo real e adquirem níveis altos de sofrimento psíquico. Outra consequência desse uso frenético de redes sociais é que, por conta da bolha que é criada de acordo com os conteúdos consumidos por cada jovem (o consumo individualizado de interesses pessoais – individualismo), esse se torna incapaz de desenvolver empatia pelo outro e de entender diferentes contextos e pontos de vista.

Segundo Joel Birman (2007), o contexto contemporâneo faz com que “os sujeitos privilegiem o desempenho, esforcem-se em apresentar uma performance, supervalorizem a imagem de si e deixem de lado as trocas e as interlocuções com outros indivíduos”. Em razão disso, são privados de um contato além do superficial e apossam-se do caráter individualista (o qual não os agrada totalmente em termos de definição, mas mesmo assim é cerne do comportamento *millennial*), gerando agressividade, violência e irritabilidade nas relações; a junção do contato superficial (decorrente de uma prioridade dada ao exibicionismo, ao individualismo e ao narcisismo) entre as pessoas e a possível agressividade, violência e irritabilidade entre elas torna árdua a missão de estabelecer vínculos profundos e reais, questão marcadamente contemporânea.

Ainda segundo André Verzoni e Carolina Lisboa, o processo de subjetivação de um indivíduo é um entrave entre ele, a cultura e sociedade. Segundo os autores:

A subjetivação é um meio utilizado pelo sujeito para que este, justamente, não se assujeite — ao menos parcialmente — em relação às influências que o cercam. Entretanto, subjetivar-se não significa construir algo que seja próprio e exclusivo do indivíduo. A construção da subjetividade dá-se no espaço entre o sujeito e a cultura em que ele está inserido (WEINMANN, 2006).

Portanto, a correlação entre o indivíduo e o meio é fundamental para a construção de sua identidade. Essa identidade, se construída de forma individual num meio coletivo, acaba por agrupar um número de pessoas dentro de determinadas características. É esse o fenômeno que ocorre com a geração *millennial*, uma vez que o mundo globalizado permite um compartilhamento de realidades e vivências.

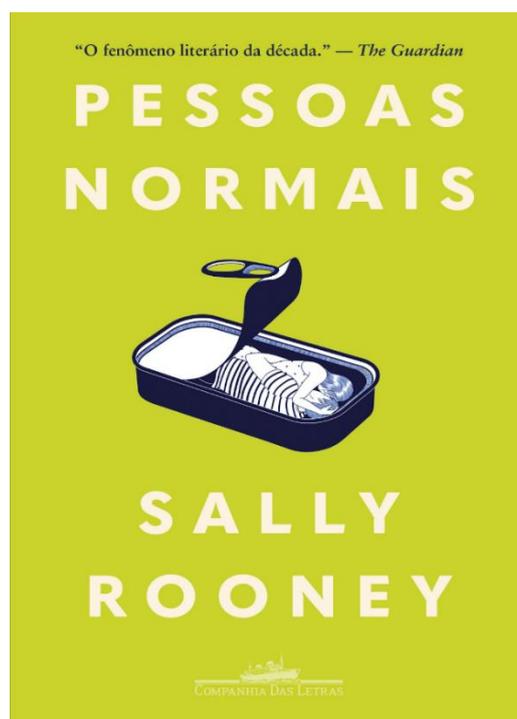
Como essa geração é um assunto extremamente atual, tem uma grande plasticidade e vivacidade, o que abre margem para que maiores conclusões acerca desse grupo de pessoas sejam realizadas. Por enquanto, pode-se dizer que a geração *millennial* é, ao mesmo tempo, a mais preparada para enfrentar um cotidiano tecnológico e a menos preparada para lidar com relações interpessoais. É uma geração em constante adaptação e insegura em relação ao que esperar de si mesma.

Na literatura, as representações dessa geração já começaram a aparecer, também. A presente monografia, no próximo capítulo, se debruçará numa análise de um dos romances mais aclamados da literatura contemporânea irlandesa, *Pessoas normais*, a partir de uma óptica *millennial*.

2. O ROMANCE

Publicado no Brasil, em 2019, pela Companhia das Letras e com tradução de Débora Landsberg, o romance *Pessoas normais* se tornou rapidamente um clássico da geração *millennial*. Na capa, verde limão, com a ilustração de um casal deitado e abraçado dentro de uma lata de sardinha (elemento visual que representa o sufoco e, ao mesmo tempo, conforto de um relacionamento romântico entre dois jovens contemporâneos), a frase “O fenômeno literário da década” – se referindo tanto a obra quanto a autora, Sally Rooney – publicada em resenha do jornal *The Guardian*, se destaca. O jornal estadunidense *The New York Times*, ainda, coroou Rooney como “a primeira grande autora da geração *millennial*.”

Figura 1: Capa do livro *Pessoas Normais*, de Sally Rooney



Fonte: <https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.amazon.com.br%2FPessoas-normais-Sally-Rooney%2Fdp%2F8535932569&psig=AOvVaw1Cuv9fUTsLJF1vHFllagJ9&ust=1634423259677000&source=images&cd=vfe&ved=0CAsQjRxqFwoTCNiB0qS7zfMCFQAAAAAdAAAAABAD>

Ambientado majoritariamente na Irlanda (inicialmente, na cidade fictícia de Carriclea e, posteriormente, em Dublin), Sally Rooney constrói uma narrativa próxima de si: a autora nasceu no país, na cidade de Castlebar, em 1991, e concluiu os estudos universitários na Trinity College, em Dublin. Formada em Letras e mestre em Literatura Americana, a autora é membro do corpo de debate da universidade. Sally é uma *millennial*, portanto se enquadra em todos os aspectos descritos no primeiro capítulo desta monografia, e esse fato é, indubitavelmente, o que torna o romance o sucesso instantâneo que é: trata-se de uma autora escrevendo sobre sua própria geração, com toda a crueza, delicadeza e verdade necessária para que haja uma identificação e uma sensação de pertencimento (coisa essa que os *millennials* buscam incessantemente ao longo da vida) por parte dos leitores, principalmente aqueles que também são *millennials*.

A autora irlandesa investe numa narrativa feita por um narrador onisciente seletivo múltiplo, que debruça sua atenção ao casal protagonista do romance: Connell Waldron e Marianne Sheridan. Ora a narrativa foca na perspectiva do rapaz, ora na da moça, permitindo que haja uma compreensão ampla sobre o desenrolar dos fatos na narrativa. Vale ressaltar, também, que as demais personagens do romance não são muito desenvolvidas, e o que sabemos delas se dá pela descrição que Marianne e Connell fazem, além de opiniões pessoais impressas pelos protagonistas (nos momentos em que o narrador está tão próximo das personagens que se pode pensar que a fala dele é uma verbalização do pensamento delas).

Além disso, o misto de tempo cronológico e psicológico da narrativa faz com que o leitor visualize uma linha do tempo exata dos acontecimentos. A trama se inicia em janeiro de 2011 (nome do primeiro capítulo), e segue com capítulos nomeados sequencialmente, como “Três semanas depois (Fevereiro de 2011)” e “Um mês depois (Março de 2011)”, por exemplo. Entretanto, isso não garante linearidade na narrativa: em *flashbacks*, o narrador retoma alguns ocorridos que antecederam o tempo do capítulo e costura a narrativa formando, assim, uma linha do tempo desordenada que, entretanto, funciona.

A Trinity College é um dos cenários do livro *Pessoas normais*: é lá que Marianne e Connell vão estudar, respectivamente, História e Letras. Antes disso, o livro é ambientado na pequena cidade fictícia de Carricklea, na região de Sligo, e é lá que os protagonistas encaram o Ensino Médio e seus desafios. É em Carricklea que toda a história de desencontros, não-ditos, mal-entendidos e, principalmente, amor, entre Marianne Sheridan e Connell Waldron começa.

2.1 CONSCIÊNCIA DE CLASSE

A primeira cena do romance se passa na casa de Marianne, uma menina de família rica e privilegiada. Connell, seu colega de classe de Ensino Médio, que é pobre e foi criado pela mãe solteira, Lorraine, chega na casa da menina para buscar a mãe após um dia de trabalho, pois ela trabalha para a família Sheridan – rica e disfuncional. As interações entre os jovens, inicialmente, se dão por essa dinâmica intermediada por

Lorraine: Marianne abre a porta, Connell espera na soleira, a mãe guarda as luvas de borracha que utiliza para limpar a casa e vai embora com o filho no carro popular deles.

A diferença de classes sociais entre os protagonistas do romance é algo que permeia toda a narrativa, sempre sendo trazida pelo narrador onisciente quando o foco narrativo é em Connell, pois o garoto é quem tem a consciência de a qual classe social pertence e quais implicações esse fato traz para sua vida.

Em determinado momento da narrativa, após Connell já ter passado por muitas dificuldades financeiras na faculdade – o rapaz teve que trabalhar aos finais de semana em um restaurante de uma amiga (também rica) da turma de Marianne para arcar com os custos que a Trinity College estava lhe dando. A sua vontade era que, no auge de sua crise financeira, Marianne o chamasse para morar junto com ela, já que a moça vivia sozinha num apartamento fora do campus e que pertencia a um familiar. Entretanto, por falta de visão de mundo e sensibilidade (mostrando, nesse caso, o lado individualista de sua personalidade *millennial*), Sheridan frustra essa expectativa de Waldron, que também não conta de sua situação para a moça. Essa dificuldade de comunicação entre o casal protagonista é algo recorrente na narrativa, e ilustra bem a dificuldade que o jovem *millennial* tem ao se relacionar fora do ambiente virtual – ele e Marianne ganham uma bolsa de estudos da faculdade, que dava direito à acomodação dentro do *campus* da faculdade, uma refeição gratuita por dia e estudo gratuito.

Connell encara essa conquista como um alívio. Ele poderá continuar em Dublin, estudando o que ama e se dedicando a isso, além de poder usar o dinheiro do trabalho para realizar outras atividades, como viajar; já para Marianne, essa conquista serve como um alimento à autoestima intelectual, pois não é algo que a menina precise para sobreviver em Dublin, já que não passa por necessidades materiais. No trecho do livro que retrata a conquista da bolsa de estudos, o narrador está tão próximo a Connell que parece que são seus próprios pensamentos que estão nas páginas:

Agora, tudo era possível por causa da bolsa. O aluguel estava pago, a mensalidade estava coberta, tinha uma refeição gratuita todos os dias durante o curso. Foi por isso que pôde passar metade do verão viajando pela Europa, espalhando moedas com a atitude despreocupada de uma pessoa rica. Ele explicou, ou tentou explicar isso nos e-mails para

Marianne. Para ela, a bolsa era um incentivo à autoestima, uma feliz confirmação do que ela sempre achou sobre si mesma: que era alguém especial. [...] Para ele, a bolsa era um gigantesco fator material [...] e, de repente, pode cursar um programa de pós-graduação de graça se quiser, e morar em Dublin de graça, e não voltar mais a pensar em aluguel até terminar a faculdade. [...] Isso é dinheiro, a matéria que torna o mundo real (ROONEY, 2019, p. 161-162)

Connell também é responsável por criticar o ambiente acadêmico no qual está inserido; ao se deparar com pessoas mais bem condicionadas de vida do que ele no meio universitário, o rapaz percebe, frustrado, que as pessoas ricas só entram em debates sociais para alimentar o ego e desenvolver um *status* (outra coisa que o jovem *millennial* é obcecado por) acadêmico e não porque, de fato, vivenciam e entendem do que falam.

Marianne, na cerimônia de posse das bolsas de estudos, admite que não pensa no conceito de classe, claramente porque isso não a afeta, não faz parte de sua bolha social (tanto virtual quanto real). Estar em uma posição privilegiada socialmente faz com que a garota não reflita sobre o assunto, apesar de ela perceber que o relacionamento entre ela e Connell se deu por conta de um entrave entre diferentes classes sociais. O rapaz, então, comenta:

“Acho que somos de origem bem diferente, no que diz respeito à classe.”

Ao passo que ela responde:

“Não penso muito nisso, ela disse. Acrescentou logo: Desculpa, que ignorância dizer isso. Talvez eu deva pensar mais nisso. [...] Tenho consciência do fato de nos conhecermos porque sua mãe trabalha para a minha família.” (ROONEY, 2019, p. 174-175)

A mãe de Marianne, Denise, na única conversa séria que tem com a filha durante todo o livro, teme que a garota se choque com a realidade ao terminar a universidade. Ela teme, desdenhando, que Marianne sequer saiba o que é um trabalho. E, por mais cruel que seja a mãe ao longo da narrativa, é inegável que ela enxerga a falta de conhecimento de mundo da filha, que pouco faz para mudar essa realidade.

É evidente, portanto, que Connell e Marianne vivem em bolhas sociais diferentes que coexistem com tantas outras bolhas. O rapaz, em sua bolha translúcida, é capaz de refletir e entender sua condição e lugar no mundo, e a moça, na bolha turva em que vive, é incapaz de compreender plenamente o conceito de classe e pouco se importa com ele. Por mais que as bolhas dos protagonistas estejam coladas uma à outra, praticamente inseparáveis ao longo da narrativa, é possível distinguir quem é consciente e quem não, quando se fala do conceito de classe puramente ligado ao capital.

2.2 SUBVERSÃO DE PAPEIS SOCIAIS

Outro fio condutor da trama é a subversão de papéis sociais, a que Marianne e Connell são submetidos. Émile Durkheim, em *A divisão do trabalho social*, defende que o sujeito cumpre o seu papel social na medida em que constrói e mantém a organização social ao desempenhar funções que cabem ao grupo específico ao qual foi designado. O indivíduo aprende quais são as expectativas em cima de seu arquétipo social e passa a agir conforme o papel que lhe foi designado.

Em *Pessoas normais*, existem dois papéis sociais bem definidos, daqueles que são comumente retratados em filmes adolescentes: o da pessoa popular, que é rodeada de amigos, chama a atenção por onde passa e é motivo de inveja, e o da pessoa impopular, que é isolada das demais e geralmente é motivo de chacota dos populares.

No ensino médio, momento que marca o início da relação entre Connell e Marianne, o rapaz ocupava o topo da pirâmide social do colégio em que estudavam: era astro do time de futebol, tinha vários amigos e era querido pelos professores e colegas de classe, que até o idolatravam. A garota, por outro lado, era a *outsider*, uma *persona non grata* do colégio; era definida pelos colegas como esquisita, e sempre era a pauta das brincadeiras que o “grupão” de Connell fazia, porém não visava integrar ao grupo ou ascender socialmente na fauna escolar. O rapaz diz que ela pratica “um desprezo declarado pelas pessoas na escola” e “muitas pessoas a odeiam”.

Marianne vê em Connell a única pessoa capaz de merecer sua atenção e prestígio, e investe numa amizade com o rapaz. Os primeiros encontros entre os dois são

constrangedores, marcados por silêncios e conversas rasas; entretanto, há um interesse mútuo um no outro, uma curiosidade desconcertante que ultrapassa os limites dos papéis sociais impostos a eles no ambiente escolar. Numa passagem do primeiro capítulo do livro, o narrador entrega que Connell tem um sentimento controverso em relação a Marianne: “Ele teme ser deixado sozinho com ela desse jeito, mas também se pega fantasiando sobre coisas que poderia dizer para impressioná-la.” (ROONEY, 2019, p. 9)

A repulsa e o fascínio que Marianne causa em Connell chega no leitor como forma de mesquinha e crueldade por parte do garoto, já que ele, dividido entre a popularidade – ser uma pessoa normal – e a intensidade do relacionamento com a garota (que afirma, casualmente, gostar dele para além da amizade), pede que o relacionamento seja mantido em segredo, ninguém da escola poderia saber. Marianne, passivamente, aceita o acordo de silêncio. O afastamento entre o casal se dá após Waldron sequer cogitar chamar Sheridan para ser seu par no baile de formatura – evento de extrema relevância no contexto escolar. Marianne, então, abandona a escola e ignora completamente a existência de Connell, dilacerada pela decepção amorosa.

Quando se reencontram, os papéis sociais foram invertidos: na Trinity College, em Dublin, local onde os protagonistas encaram a faculdade e a transição da adolescência para a vida adulta, Marianne Sheridan é uma estrela: aclamada amplamente pelos colegas da universidade e extremamente atraente. Connell Waldron assume o lugar de *outsider* e encontra dificuldades em se encaixar na nova realidade. O reencontro acontece numa festa dada pelo então namorado de Marianne, Gareth, que sequer sabe da relação entre o colega da aula de Teoria Crítica e a moça, pois não tem nenhum vínculo com Connell, que sequer gosta do rapaz.

A cena que antecede o reencontro cria uma atmosfera de tensão e desconforto que permeia todo o livro *Pessoas normais*:

Minha namorada, você precisa conhecê-la, diz Gareth.

[...]

Ei, Marianne, diz Gareth.

Ela ergue os olhos do cigarro no meio da frase. [...]

Ah, certo, diz Connell. Oi.

No mesmo instante, inacreditavelmente, o rosto de Marianne irrompe em um sorriso gigantesco, exibindo os dentes tortos da frente. Ela está de batom. Todo mundo a observa agora. Ela estava falando, mas parou para encará-lo.

Meu Deus, ela diz. Connell Waldron! Você saiu diretamente da cova. (ROONEY, 2019, p. 75-76)

O comportamento extrovertido de Marianne e a reação positiva dela ao rever o rapaz após o rompimento traumático e dolorido do relacionamento dos dois no passado traz uma sensação de alívio, ao mesmo tempo que permite entender que Connell será recebido na nova realidade da moça “[...] não como um fantasma do passado, mas sim como uma possibilidade para o seu futuro”, segundo Marcela Santos Brigida em resenha para o blog “Literatura Inglesa Brasil”.

Com papéis sociais trocados, Marianne e Connell irão redescobrir e ressignificar o relacionamento nascido no Ensino Médio, e percebem que são incapazes de se dissociarem um do outro. Mesmo que haja entre eles um amparo, os protagonistas sofrem ao lidar com o fato de que não pertencem a lugar nenhum. Carricklea não existe mais, e Dublin mal cumpre o objetivo de se tornar “casa”.

2.3 A (IN)EXISTÊNCIA DE UM LAR

O conceito de lar é algo que levanta inúmeros questionamentos. O que é lar? Onde é o lar? Lar é um lugar ou um sentimento? O que acontece quando lar é um lugar tóxico? E quando não existe mais?

Ao longo da narrativa, a sensação de (não) pertencimento – marcadamente contemporânea – aos lugares é presente e afeta muito a vida dos protagonistas. Carricklea e Dublin representam coisas extremamente diferentes para Marianne e Connell; segundo Dorothee Birke e Stella Butter, “[...] designar um lugar como lar é um ato social com uma

dimensão política e conotações emocionais”¹ (BIRKE; BUTTER, 2019, p. 119). Dito isso, Rooney constrói com maestria dois focos narrativos relacionados ao lar: Connell e as dores de sentir saudades de casa e o impacto disso em sua saúde mental e Marianne com os efeitos a longo prazo de uma vida no “lar” que lhe foi nociva.

Carriclea é o lar que Connell conhece e chama de seu. Ele, ao chegar em Dublin e não conseguir se ajustar a nova realidade, quer desesperadamente voltar ao “lar” que, infelizmente, já não existe mais, uma vez que esse era para o rapaz a sensação de pertencimento que ele tinha na época da escola. As amizades e o conforto de se encaixar num grupo social se foram – embora essas não fossem amizades que Connell construiu por afinidades e, sim, por conveniência social – e ele precisa lidar, ainda, com a decepção recorrente de não se encaixar em Dublin.

Apesar de ter ressalvas aos amigos que ele tinha no Ensino Médio e que cresceram com ele, pois alguns tinham comportamentos que Connell repudiava completamente por sempre ter tido uma consciência social maior do que a das pessoas a sua volta, a sensação de pertencimento fala mais alto e faz com que ele flutue num entrelugar entre Carriclea e Dublin. O jovem sofre muito com o fato de seu antigo lar não existir mais – já que se tratava de uma sensação causada pela vida em grupo na escola – e a não adequação ao lugar que deveria lhe confortar e lhe fornecer um novo significado de lar.

“É que eu acho que saí de Carriclea imaginando que poderia ter outra vida, ele explica. Mas odeio isto aqui, e agora nunca mais vou poder voltar. Digo, aquelas amizades morreram. [...] Nunca mais vou ter aquela vida de volta.” (ROONEY, 2019, p. 215)

Marianne, por outro lado, nunca enxergou Carriclea com os mesmos olhos de Connell. Para ela, a cidade é apenas o lugar onde ela cresceu, e está longe de ser o refúgio que representa para ele; pelo contrário, a cidade remete a Marianne o ambiente mais tóxico que já viveu: sua própria casa.

¹ Tradução livre do trecho “Designating a space a home is a social act with political dimension and emotional connotations” (Birke and Butter 2019: 119)

Criada num lar extremamente problemático e abusivo, a protagonista de Rooney via, desde criança, o falecido pai agredir a mãe e sofria parte dessas agressões, e, ao crescer, lidava com constante abuso psicológico e físico do irmão mais velho, Alan, enquanto Denise apenas assistia aos comportamentos do filho e não dava nenhum suporte ou tentava mudar a situação de Marianne. A mãe, inclusive, justifica as agressões dele em relação à filha com o fato de Marianne ter uma personalidade “incapaz de ser amada”.

Sair da cidade interiorana onde nasceu, cresceu e viveu até o ensino médio fez com que Marianne conseguisse se desenvolver socialmente e sentir-se bem em um ambiente caseiro. Porém, a cada viagem dela para casa, seus traumas são renovados e a garota entra numa espiral autodegradante, na qual ela acredita que realmente não existe refúgio e acalento no “lar”. Todo o abuso psicológico sofrido pela protagonista é refletido nos relacionamentos que ela desenvolve – exceto com Connell – pois ela aceita migalhas de afeto de qualquer pessoa.

No caso de Marianne, é evidente a influência dos pais – extremamente valorizados pelo jovem *millennial* – e do irmão no desenvolvimento psíquico e social dela: apenas serviram para minar toda a autoestima e o amor próprio da garota, que acredita fielmente não ser capaz de ser amada verdadeiramente.

Após uma agressão física de Alan, nos capítulos finais do romance, Connell socorre Marianne e discute com o irmão da garota, afirmando que o mataria caso tocasse novamente nela. Nesse momento, Connell e Marianne, saturados de reviver a rotina em Carricklea, seguem juntos em busca de um lar; um lar que ambos possam chamar de seu, seja ele físico (em Dublin) ou um sentimento (o amor que sempre sentiram um pelo outro).

Essa busca pelo lar caminha lado a lado à busca por identificação e pertencimento, questão marcadamente *millennial*. Connell e Marianne vivem conflitos internos durante toda a narrativa, que interferem diretamente na dinâmica da relação dos dois e que permitem que o leitor compreenda determinadas atitudes deles.

3. AS PERSONAGENS

Antonio Candido, no capítulo “A personagem do romance” do livro *A personagem de ficção*, defende que a verossimilhança de um romance depende da possibilidade de um ser fictício comunicar a impressão de um ser real. Ele, ainda, afirma que “[...] o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, através da personagem, que é a concretização deste” (CANDIDO, 2014, p. 55).

Seguindo essa linha de raciocínio, *Pessoas normais* é um romance dotado de muita verossimilhança: Connell Waldron e Marianne Sheridan são personagens que poderiam ser facilmente encontradas em escolas, universidades, bairros, festas, bares, cidades. Sally Rooney constrói com maestria dois jovens de seu tempo: provavelmente “nascidos” na década de 90 – pela data inicial do romance (2011) corresponder ao período em que os protagonistas eram adolescentes (Ensino Médio) – Connell e Marianne são *millenials*, assim como a autora irlandesa.

A construção das personagens no romance acontece a partir de um narrador onisciente seletivo múltiplo, uma vez que tanto Connell quanto Marianne são os focos narrativos. O discurso indireto livre permite que haja uma mistura entre fala do narrador e pensamento das personagens, criando, assim, uma veracidade enorme no que é construído, que é a verossimilhança.

A partir de desentendidos, não-ditos, confusões, confissões e súbitas declarações, a personalidade do casal protagonista é construída de maneira, ao mesmo tempo, individual e conjunta. O estilo narrativo de Rooney faz com que tudo seja lido com muita naturalidade (e, inicialmente, desconforto, porém a realidade ocorre de maneira natural e desconfortável, também), uma vez que a autora dispensa marcadores de fala – como travessões e dois pontos – e introduz os diálogos no meio da narração, de modo que as falas pareçam ser lançadas de maneira cortante pelos personagens, quase que num desespero de falar.

3.1 *LOVE LANGUAGE ≠ LANGUAGE*

O maior problema que Connell e Marianne enfrentam no relacionamento é, definitivamente, o de comunicação. Como bons *millenials* que são, os protagonistas não

conseguem expressar de forma efetiva os sentimentos que têm um pelo outro, muito menos solucionar conflitos que surgem entre os dois. O afastamento e o mal-entendido entram no lugar do diálogo.

Entretanto, é palpável o quanto os dois, às vezes, não precisam falar para saber o que estão sentindo; eles têm um tipo de linguagem secreta que apenas conseguem usar um com o outro. O elo estabelecido entre os dois é muito forte e particular e, mesmo com todas as idas e vindas que enfrentam, mal conseguem ficar longe um do outro.

Quando adolescentes, o namoro às escondidas que tiveram no Ensino Médio era fisicamente intenso. Quando jovens adultos, a intensidade se dava pelas tensões criadas pelas problemáticas sociais que enfrentavam, bem como pelo agravamento de questões psicológicas que ambos enfrentavam.

3.1.1 O SEXO COMO LINGUAGEM UNIVERSAL

Ao longo do romance são narradas algumas cenas de sexo do casal protagonista. As transas são atos concretos da intimidade de Connell e Marianne que sequer precisam ser descritas pelo narrador: intensas, particulares, prazerosas e praticamente sagradas. A entrega de ambos é resultado de uma química instantânea e fortíssima; elas também sintetizam todos os sentimentos dos protagonistas.

A primeira transa do casal acontece ainda na adolescência, durante o período em que Connell e Marianne namoravam escondido dos demais colegas da escola. Connell gosta do fato de que Marianne jamais comentará sobre a intimidade deles com ninguém, nem mesmo opinará sobre o que fez de certo e errado durante o ato:

Com Marianne era diferente, tudo era somente entre eles, até as coisas desajeitadas ou difíceis. Podia fazer o que quisesse com ela e ninguém descobriria. Pensar nisso dava a Connell uma sensação vertiginosa, mareada. Quando a tocou naquela noite, ela estava muito molhada, revirou os olhos e disse: Meu Deus, isso. E ela podia dizer essas coisas, ninguém saberia. Ele teve medo de gozar naquele momento, só de tocá-la daquele jeito. (ROONEY, 2019, p. 26)

A química sexual de Marianne e Connell é gigante, e ambos admitem que não encontraram nenhuma outra pessoa que proporcionasse tamanho prazer no sexo quanto

um ao outro. A frase “Não é assim com outras pessoas” (ROONEY, 2019, p. 233) de Marianne seguida da resposta “Bom, eu gosto muito mais de você do que das outras pessoas” (ROONEY, 2019, p. 234) de Connell, que compõem a descrição da última cena de sexo do livro, confirmam o quão prazeroso é para os jovens se tocarem e se amarem.

É interessante, também, analisar o duplo sentido dessas duas simples e, ao mesmo tempo, poderosas frases. Ao mesmo tempo em que o casal protagonista está falando dos prazeres sexuais que sentem quando estão um com o outro, é evidente que a confissão também é sobre o sentimento amoroso que têm: é impossível para Marianne amar alguém como ela ama Connell e, para ele, a garota é sua pessoa favorita e dona de todo seu amor. É em pequenos momentos da narrativa que se percebe, por meio de palavras, o quanto são apaixonados um pelo outro.

3.1.2 O AMOR COMO LINGUAGEM (QUASE) INCOMUNICÁVEL

Quando vão falar de amor, Connell e Marianne praticamente não têm voz. É uma questão muito delicada falar sobre os sentimentos, e por isso os mal-entendidos e não-ditos se sobressaem, criando uma sucessão de situações que poderiam ser evitadas.

Um grande exemplo dessa falta de comunicação entre os protagonistas é o momento em que antecede a conquista das bolsas de estudo da Trinity College. Connell não consegue comunicar a Marianne que está passando por dificuldades financeiras; quando ela frustra a expectativa dele de não o chamar para morar em sua casa, ele opta por se afastar da garota. Ela, por outro lado, entende o afastamento como sinal de que ele não a amava mais, já que nesse ponto da trama os dois estão namorando:

Sabe, eu realmente não entendi o que estava acontecendo entre nós no verão passado, ele diz. [...] Eu meio que achava que talvez você fosse me deixar ficar aqui ou algo assim. Eu realmente não sei o que foi que aconteceu com a gente no final das contas.

[...]

Você falou que queria que a gente visse outras pessoas, ela diz. Não fazia ideia de que queria ficar aqui. Eu achei que você estivesse terminando comigo. (ROONEY, 2019, p. 153-154)

A insegurança causada pelos desentendidos faz com que o casal precise de palavras de afirmação para entender que estão na mesma página quando o assunto é amor e sentimentos. Apesar dos gestos que realizam um para o outro, são as palavras que garantem segurança sentimental:

Marianne sabe como ele se sente de verdade em relação a ela. Só porque fica tímido na frente dos amigos dela não significa que a coisa entre eles não seja séria – ela é sim. De vez em quando, ele se preocupa com a possibilidade de não ter sido claro o bastante sobre esse quesito, e depois de deixar essa preocupação se intensificar ao longo de um dia, mais ou menos, se perguntando como abordar o assunto, ele finalmente diz algo manso como: Você sabe que eu gosto muito de você, não sabe? (ROONEY, 2019, p. 102)

Entretanto, após passarem por suas jornadas individuais, eles percebem que a única coisa linear e certa na vida de ambos é o amor que sentem um pelo outro. Um amor construído e reconstruído no processo de crescimento da adolescência para a vida adulta, e que encontra paz no final do romance, sem mesmo precisar de grandes conversas e palavras para tal.

No retorno do casal para Carricklea, a cidade natal de onde saíram para buscar um lugar no mundo, na noite de Ano Novo, cercados pelos amigos da época de Ensino Médio, eles vivem a consolidação de algo construído ao longo de quatro anos, agora mais maduros e tendo enfrentado adversidades ao longo do percurso da vida:

Quando se afastaram, Connell olhou nos olhos dela e disse: Eu te amo. Ela estava rindo, e seu rosto estava vermelho. Ela estava sob seu poder, [...] ela estava redimida. Como era estranho se sentir tão completamente sob o controle de outra pessoa mas, ao mesmo tempo, como era normal. Ninguém pode ser totalmente independente dos outros, então por que não [...] deixar que dependam de você, por que não. Sabe que ele a ama, já não se questiona sobre isso. (ROONEY, 2019, p. 259)

Então, apesar de lhes faltarem palavras em determinados momentos, é justamente nos não ditos efetivos que a relação de Connell e Marianne se fortifica e faz sua manutenção. A incapacidade de se dissociarem um do outro faz com que palavras se tornem desnecessárias, e essa sensação chega ao leitor de maneira eficaz por meio do narrador, que consegue colocar a essência desse relacionamento em palavras para o leitor.

O mal jeito com as palavras característico do jovem *millennial* definitivamente não é a única questão dessa geração que aparece no romance: a sensação de não-pertencimento e busca incessante pelo “eu no mundo” são marcas de *Pessoas normais*, e transbordam por meio de Connel Waldron e Marianne Sheridan.

3.2 CONNELL WALDRON

Como já apresentado anteriormente, Connell é um menino de origem pobre, criado pela mãe solteira (Lorraine) e que luta durante todo o romance por uma melhor condição de vida do que a que conhecia em Carricklea. Em todos os sentidos.

A constante angústia de ocupar um entrelugar entre Carricklea – um lar que não existe mais – e Dublin, um lugar onde não consegue estreitar laços afetivos que permitam a criação de um novo lar, somada à constante consciência da condição social que ocupa levam Connell a uma gravíssima depressão, assunto abordado com crueza por Sally Rooney em seu romance.

3.2.1 TRÊS MESES DEPOIS (MARÇO DE 2014)

Em Dublin, Connell vai atrás do programa da faculdade que dá apoio psicológico para os alunos, após Niall, seu amigo e ex-colega de quarto sugerir que isso vai lhe fazer bem. Já logo nas primeiras perguntas do questionário que deve ser preenchido para receber o serviço, assinala respostas como “Não tenho expectativa de que as coisas deem certo para mim”, “Não gosto de mim mesmo” e “Penso em me matar, mas não levaria a ideia adiante”.

O estado de deterioração de Connell é tamanho que o rapaz perde totalmente a vontade de viver, após perceber que não consegue encontrar seu lugar no mundo (ou receber um novo papel social, como tinha no Ensino Médio) e ter perdido totalmente o conforto do lar. A depressão o atinge brutalmente após um colega da época de escola suicidar; o suicídio de Rob reforça em Connell comportamentos depressivos, ansiosos e pensamentos suicidas. Durante a primeira sessão de terapia com a psicóloga Yvone na faculdade, Connell reflete sobre como Rob representava tudo que ele menos gostava nos

amigos do Ensino Médio, mas, ao mesmo tempo, vê-lo morrer era como se parte do que ele chamava de “lar” – a sensação de pertencimento – também morresse.

Não tínhamos muitas afinidades, em termos de interesses, sei lá. E no lado político das coisas provavelmente não tínhamos as mesmas opiniões. Mas na escola, esse tipo de coisa não importa tanto. Fazíamos parte do mesmo grupo então éramos amigos, sabe?

[...]

É que eu acho que saí de Carricklea imaginando que poderia ter outra vida, ele explica. Mas odeio isto aqui, e agora nunca mais vou poder voltar. Digo, aquelas amizades morreram. O Rob morreu, nunca mais vou ver ele. Nunca mais vou ter aquela vida de volta. (ROONEY, 2019, p. 215)

As sessões de terapia e apoio constante de Marianne ajudaram Connell a, aos poucos, se reerguer e conseguir encontrar seu lugar no mundo. No comando de uma revista universitária e reconstruindo o relacionamento com Sheridan, o rapaz recebe uma oferta para estudar em Nova York. Ela é a grande incentivadora da ida dele para a América, pois garante ao rapaz que o ficará esperando em Dublin. Marianne sempre espera. “Você devia ir, [...] eu vou estar sempre aqui. Você sabe disso” é a última linha do romance, que sintetiza uma parte da personalidade de Marianne Sheridan.

3.3 MARIANNE SHERIDAN

A desajustada e *outsider* Marianne Sheridan do início do romance pouco se assemelha com a popular e admirada garota moradora de Dublin. Porém, uma semelhança gigante ainda existe entre “elas”: ambas são extremamente traumatizadas por conta do ambiente familiar.

A família desajustada de Marianne fez com que a menina desenvolvesse uma enorme dificuldade em ter autoestima, bem como aceitar comportamentos agressivos como demonstrações de amor. Ela era agredida pelo pai na infância, via sua mãe sendo agredida e sofreu inúmeras agressões – psicológicas e físicas – do irmão mais velho.

Essa banalização da agressão criada por Marianne refletiu em sua jornada amorosa: quando não estava com Connell, buscava relacionamentos abusivos e nos quais

os parceiros aceitavam ser masoquistas com ela. Receber tapas e ser amarrada na hora do sexo remetiam-na ao sentimento que ela conhece como amor, já que agressões sempre foram os tratamentos recebidos em casa. Marianne desconhece outra forma de amor e aceita migalhas dos rapazes com quem se relaciona.

James e Lukas são os dois namorados que Marianne tem ao longo do romance, além de Connell. James era masoquista e agredia verbalmente a garota, a destratando e colocando-a como inferior perante os colegas de universidade; já Lukas representa o ápice do desconforto com a própria condição que Marianne sente.

3.3.1 CINCO MESES DEPOIS (DEZEMBRO DE 2013)

Nesse capítulo do livro, Marianne está vivendo na Suécia por conta de um intercâmbio. Lá, ela conhece um fotógrafo chamado Lukas e eles engatam num relacionamento; Lukas é adepto de práticas masoquistas e Marianne permite que ele faça isso com seu corpo, com a sensação de que está sendo amada de verdade.

Todavia, no último encontro do casal no livro, Marianne parece compreender que se submeter a agressões como ela se submetia não é sinal de amor. O corpo dela percebe isso, inclusive: ela descreve o peso do seu corpo no colchão de Lukas quando ele, aos poucos, pede para que ela tire as roupas e a amarra para uma sessão de fotos.

Lukas fica ali de pé, desenrolando o pano, indiferente. Os ossos de Marianne começam a pesar, uma sensação já conhecida. Estão tão pesados que ela mal consegue se mexer. [...] Ele se ajoelha e amarra o tecido com força. [...] Parece feio aos olhos dela e em um gesto instintivo ela se vira, de novo para a janela. [...] Está cansada agora. O interior de seu corpo parece estar gravitando cada vez mais para baixo, em direção ao chão, em direção ao centro da Terra. (ROONEY, 2019, p. 196-197)

Marianne, como que caindo em si, proíbe que Lukas a continue amarrando e ameaça chamar a polícia caso o rapaz tente novamente. Ela questiona, por meio de uma fala em discurso indireto livre do narrador, se se submeter a esse tipo de situação realmente é amor, e se o amor é mesmo para ser doloroso.

A resposta Marianne já conhece. O que ela tem com Connell está bem longe de ser agressivo, ela já conhece o amor de verdade. Em uma das cenas de sexo do casal protagonista, após a garota já ter se relacionado com Jamie e Lukas, Marianne – por insistência de hábitos antigos – sugere que Connell bata nela. O rapaz, desconcertado, nega, e o ato é cessado na hora, pois há um constrangimento de ambas as partes: dela, por perceber que ela só aceitava levar tapas por comodismo, e dele, por negar algo a Marianne, mesmo que isso envolvesse bater em uma mulher.

O amor que Marianne conheceu a vida toda a machucou diariamente e, ao lado de Connell, ela finalmente consegue um respiro depois de tanto se submeter a lesões. A decisão de não mais frequentar o antigo “lar” e construir ao lado do seu amor um ambiente saudável e livre de violência salva Marianne, que percebe que é, sim, digna de amor, e sabe que será amada por Connell pelo resto de sua vida, não importa o que aconteça, pois ambos encontram, nas disfunções do relacionamento, a normalidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pessoas normais se consolida como um dos grandes romances da geração *millennial* justamente pelo fato de tratar das angústias contemporâneas de forma a gerar incômodo e reflexão.

Sally Rooney, com sua narrativa simples e cortante, proporciona nesse romance um manual de identificação *millennial*: é impossível que não haja esse sentimento em nenhum momento da narrativa. Todo *millennial* está em busca de seu lugar no mundo e quer, no fundo, pertencer a algum lugar e/ou a algo.

Connell e Marianne são pessoas tão próximas – tanto entre si quanto do público que irá consumir a obra – que a verossimilhança transborda durante a leitura. São pessoas que lutam com suas próprias questões e que entram em curto-circuito quando precisam se expressar fora do ambiente virtual.

Os *millennials* da vida real têm muito a agradecer a Sally Rooney: ela é a responsável por dar voz a uma geração que ainda está se formando, ainda está em busca

de seu lugar no mundo. Provavelmente, esses jovens sequer sabiam que precisavam dessa voz. Mas agora eles a têm, eternizada neste que já é um clássico da literatura.

5. REFERÊNCIAS

BIRKE, Dorothee; BUTTER, Stella. *Imaginative Geographies of Home*. Literary Geographies. 5(2): 118-128, 2019

BRIGIDA, Marcela Santos. **Em permanente estado de desconforto: *Normal People*** de Sally Rooney. Literatura Inglesa Brasil, 2019. Disponível em: <https://literaturainglesa.com.br/normal-people-sally-rooney-2018/>. Acesso em 25 nov. 2021.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 13ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014

LISBOA, Carolina; VERZONI, André. **Formas de Subjetivação Contemporâneas e as Especificidades da Geração Y**. Revista Subjetividades. Fortaleza, 15(3): 457-466, dezembro, 2015

MOLLOY, Deborah Snow. *Home / Sickness and Normal People*. Literary Geographies. 6(2): 230-234, 2020

ROONEY, Sally. **Pessoas Normais**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

STEIN, Joel. *Millennials: The Me Me Me Generation*. TIME, 2013. Disponível em: <https://time.com/247/millennials-the-me-me-me-generation/>. Acesso em 25/11/2021